

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo Class.: Panará 55

Data: 23/07/72 Pg.: _____

**No sinal dos índios, a
esperança do contato**

Est. 23/7/72

LUIZ SALGADO RIBEIRO
Enviado Especial

Diversos gritos dos kranhakakores foram ouvidos nitidamente, na tarde de ontem, pela expedição da Funai chefiada pelos sertanistas Orlando e Claudio Villasboas e, embora não tenha sido identificada qualquer palavra, eles foram considerados os primeiros indícios da fase do namoro, que precede o contato entre sertanistas e índios ar-

redios. Imediatamente, os índios que acompanham a expedição responderam com frases agradáveis ("Somos amigos, venham aqui", na língua dos Kayabi, Trumae e Suia — do grupo Gê, o mesmo dos kranhakakores — mas não houve resposta.

A expedição estava aprontando seu acampamento num pontal entre o rio Peixoto de Azevedo e uma lagoa muito frequentada pelos chamados índios-gigantes, principalmente nesta época, em que está bem rasa e é ideal para pescarias. Por este motivo, ali será instalado o posto de atração, na esperança de que os índios continuem a vir ao local duas vezes por semana para pescar com flechas, uma vez que desconhecem anzol e redes.

O caminho

Orlando Villasboas não esperava que os índios respondessem aos apelos da expedição, pois acha normal essa fase de aproximação. Os índios sequer foram avistados por membros da expedição, presumindo-se que logo depois de ouvirem a resposta amigável tenham se retirado. No final da tarde, Orlando foi até a outra margem e deixou presentes, os quais, segundo acredita, serão recolhidos pelos kranhakakores nos próximos dias, aumentando as possibilidades de um contato pacífico.

O contato

Integrada por 28 índios do Parque Nacional do Xingu, a expedição abandonou seu primeiro acampamento de Peixoto de Azevedo na quinta-feira e, durante dois dias e meio, desceu o rio cheio de curvas e muito raso. Apenas duas canoas possuíam motores de popa e cada uma delas rebocava duas outras, retardando a marcha para que fossem contornados os bancos de areia e as pedras do fundo do rio, que se tornam perigosas com o baixo nível de água.

No domingo a expedição chegou à lagoa, que dista apenas

oito quilômetros da aldeia principal dos Kranhakakores. Depois de diversos sobrevôos na região, os sertanistas concluíram que é o lugar indicado para se esperar o contato com os índios, além de oferecer segurança a ambos os lados. O posto de atração será instalado na margem escolhida pelos indígenas para a pesca, enquanto a expedição ficará acampada na margem oposta. Na opinião de Claudio e Orlando, os índios não hesitarão em apenhar os presentes no posto porque a lagoa é suficientemente grande — 80 metros de largura por mil de comprimento — para tranquilizá-los quanto a eventualidade de um ataque, mesmo sendo tão rasa que pode ser atravessada a pé.

Os mesmos

Pouco depois do incidente com uma turma de topografia do 9.º Batalhão de Engenharia e Construção, no fim de maio, em que um trabalhador morreu, a aldeia dos índios, na margem do braço norte do Peixoto de Azevedo, apareceu incendiada. As interpretações para o incêndio variaram da possibilidade de fuga para outras terras à hipotética necessidade de queimar a aldeia para debelar, a seu modo, uma epidemia que teria vitimado alguns índios. Até agora não se sabe corretamente os motivos, mas ficou claro que os índios não fugiram. A razão mais provável é que eles tenham o hábito de mudar de aldeia, pois uma outra, praticamente igual, foi construída a 200 metros da incendiada.

Nesta nova aldeia os índios se têm comportado normalmente, conservando as mesmas atividades de antes. Procuram a lagoa para pescar, plantam e colhem suas roças e continuam atirando flechas contra aviões que a sobrevoam a menos de 100 metros de altura.

Ver, na página 18, a denúncia de Raul Nader sobre matança de índios no Brasil, Colômbia e Equador.